

ARMANDO DE SENNA **BITTENCOURT**¹
Vice-Almirante (Ref^o-EN)
MARCELLO JOSÉ GOMES **LOUREIRO**²
Capitão-Tenente (IM)

SUMÁRIO

Introdução
Iluministas e enciclopedistas: a origem dos museus
Uma renovação historiográfica
Os novos museus
Novos museus e a importância da produção de saberes
Considerações finais

INTRODUÇÃO:

Especialmente nas últimas duas ou três décadas, tem-se verificado um esforço mundial considerável para conservar ou restaurar obras de arte, edifícios e lugares que podem ser considerados de valor histó-

rico. Tal esforço ocorre principalmente na Europa, mas também pode ser observado nos países em desenvolvimento. No Brasil, lugares com capacidade de “guardar memória” têm sido mais valorizados e conhecidos, tornando-se, em alguns casos, até mesmo destinos turísticos bastante de-

¹ Diretor do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) e membro do Comitê da Memória do Mundo (Brasil) da Unesco.

² Editor da *Revista Navigator: subsídios para a História Marítima do Brasil*; doutorando e mestre em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

mandados, como as cidades de Petrópolis e Paraty, no Rio de Janeiro, ou Tiradentes e Ouro Preto, em Minas Gerais.

O interesse em torno do passado também pode ser percebido a partir da multiplicação de cursos de graduação em História e de programas de pós-graduação no Brasil. Do mesmo modo, as livrarias prosperam e as bancas de jornal estão repletas de novas revistas dedicadas a história, literatura e arte. O mercado editorial nunca esteve tão aquecido, agora inaugurando uma nova faceta, a dos livros digitais.

Nesse contexto, os museus têm se desenvolvido e se profissionalizado por todo o País. Em 2004, por decreto, foram instituídos a Semana de Museus e o Dia Nacional do Museólogo;³ o ano de 2006, por lei, tornou-se o Ano Nacional de Museus.⁴ Três anos depois, o Departamento de Museus do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) foi transformado em Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), uma autarquia diretamente vinculada ao Ministério da Cultura, atualmente responsável pela administração de 30 museus. Seu propósito mais amplo é implementar uma política nacional de museus, fiscalizar, desenvolver e modernizar museus brasileiros, ampliando o interesse em torno deles. Desde 2006, o Sistema Brasileiro de Museus já cadastrou mais de 3 mil instituições museológicas por todo o País.⁵

A Política Nacional de Museus refere-se não apenas à necessidade de “promover a valorização e preservação do patrimônio cultural brasileiro”, mas também afirma que tal patri-

mônio deve ser “considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania”.⁶

Se é perceptível esse desenvolvimento das atividades culturais, não se pode deixar de registrar também seu significativo refinamento técnico e profissional. Os negócios vinculados à cultura exigem alto grau de excelência. O sucesso das iniciativas propostas depende fundamentalmente de profissionais altamente técnicos e especializados, com arcabouço teórico e metodológico que os habilite a produzir atividades culturais em consonância com o que há de mais original e moderno nesse campo. Além disso, são indispensáveis recursos materiais de primeira qualidade e tecnologia. Cultura, definitivamente, não é lugar de improvisos.

Nesse contexto, cultura (histórica) se transformou, então, em uma palavra fulcral. Um campo profícuo, em pleno desenvolvimento, cada vez mais demandado, e de central importância para o desenvolvimento do País.

A Marinha do Brasil está inserida nesse processo de valorização da cultura histórica nacional. Para tanto, congrega uma série de atividades culturais em sua Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação, para preservar sua própria memória e para ampliar a consciência marítima no País. Além de manter o Arquivo e a Biblioteca da Marinha, a Diretoria estabelece estreita relação com o público, por meio do Museu Naval, do Espaço Cultural da Marinha e da Ilha Fiscal.

Neste artigo, pretendem-se realizar dois movimentos que se articulam. Primeiro, sinteticamente, apresenta-se a origem dos

3 Decreto de 31 de maio de 2004 (disponível em <http://www.museus.gov.br/legislacao/decreto-de-31-de-maio-de-2004/>. Acesso em 24 de junho de 2012.

4 Conforme a Lei nº 11.328, de 24 de julho de 2006. Disponível em <http://www.museus.gov.br/legislacao/lei-n-11-328-de-24-de-julho-de-2006/>. Acesso em 24 de junho de 2012. Os museus ganharam ampla legislação no País. Para conferir: <http://www.museus.gov.br/category/legislacao/>.

5 Cf. http://www.museus.gov.br/SBM/cnm_apresentacao.htm.

6 Cf. <http://www.museus.gov.br/politicas/>. O atual diretor do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha participou das reuniões do Conselho Nacional de Museus para elaboração do projeto dessa Política, que foi aprovada como lei pelo Congresso Nacional.

museus, suas finalidades iniciais e características. Em seguida, trata-se dos museus modernos e sua relação com a sociedade.

ILUMINISTAS E ENCICLOPEDISTAS: A ORIGEM DOS MUSEUS

Na segunda metade do século XVIII, criaram-se grandes museus, como o Museu Britânico, o Museu do Louvre e a Galleria degli Uffizi de Florença.⁷

Nessa época, desenvolviam-se na Europa as ideias iluministas, originárias principalmente da França e da Escócia. Insistia-se que as características principais dos humanos eram sua racionalidade e sua capacidade de intervenção precisa e calculada na natureza.

O próprio filósofo prussiano Immanuel Kant optou por explicar o homem como um “ser humano”, destacando seu aspecto permanentemente racional, independente de conjunturas espaço-temporais, em contraposição ao que os românticos do século XIX entenderiam posteriormente como um “estar humano”, cujo comportamento dependia de relações sociais estabelecidas. Como resultado das ações dos “seres humanos”, havia a crença de uma filosofia da história pautada em um progresso coletivo – em síntese, a ideia de que, com o transcorrer do tempo, todo o planeta estaria mais civilizado, passando-se de

uma condição mais primitiva para outra, mais complexa e evoluída.⁸

A chave para tal passagem estava no conhecimento e nas formas racionais de administrá-lo. Acreditava-se que os saberes deveriam ser organizados e classificados, a partir de uma sistemática racional, de modo que pudessem estar à disposição da humanidade, para ela se tornar esclarecida, deixando sua menoridade. Não foi por outro motivo que d’Alembert e Diderot organizaram a Enciclopédia em 1772: um conjunto de 28 livros que armazenava, de maneira inédita, todo o saber disponível das ciências e artes da humanidade, com o propósito maior de ilustrar, aprimorando aqueles que se debruçassem sobre ele.⁹

A tendência geral era a armazenagem de peças com valor histórico, classificadas, organizadas e dispostas ao público conforme os critérios iluministas

Os museus dessa época passaram a estabelecer uma estreita relação com a perspectiva enciclopédica da vida. Deveriam apresentar coleções de peças de todos os momentos da humanidade, desde as organizações sociais da

Mesopotâmia e do Antigo Egito até a arte europeia da modernidade. A principal intenção era viabilizar uma imersão em distintas temporalidades, a partir de um vasto, diverso e valioso acervo, de modo que o visitante pudesse se tornar um homem mais iluminado. Com isso, seria mais capaz de decidir racionalmente.

A tendência geral era, portanto, a armazenagem de peças com valor histórico,

7 O Museu Britânico é de 1753. O Museu do Louvre foi idealizado pelo Conde de Angivillier em 1776. Mas a Revolução impediu sua abertura até que a Constituinte retomasse as ideias de Angivillier, criando o Museu Central das Artes, em 6 de maio de 1791, que foi inaugurado em 10 de agosto de 1793. A Galleria degli Uffizi foi aberta ao público em 1769, graças às iniciativas de Pedro Leopoldo. Sobre esses museus, consultar: *El Museo Británico*. Madrid: The British Museum Press, 2003, p. 6-9; e BAYLE, Françoise. *Louvre*. Paris: Artlys, 2001, p. 7; e PESCIO, Claudio. *La Galleria de los Uffizi*. Florença: BET, 1998, p. 3-7.

8 COLLINGWOOD, R. G. *A Ideia de História*. Lisboa: Editorial Presença, 2001, p. 114-123; e BOURDÉ, Guy & MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas*. Lisboa: Europa-América, 2003, p. 44-48.

9 COLLINGWOOD, op. cit., p. 95-104.

classificadas, organizadas e dispostas ao público conforme os critérios iluministas. Por exemplo, no primeiro guia escrito para o Museu Britânico, de 1761, escrevia seu autor: “A curiosidade prevalece quase universalmente... Nada pode contribuir melhor a preservar a sabedoria tão abundante neste século que contar com depósitos em todos os países para abrigar suas antiguidades, como é o caso do Museu da Grã-Bretanha”.¹⁰ A pretensão era a de que os museus se tornassem depósitos de peças antigas.

Essa nova forma de organizar os museus alterava o que existia anteriormente, os gabinetes de curiosidades, onde se expunham coleções ecléticas de objetos notáveis, por serem extraordinários. O propósito, nesse caso, era maravilhar o observador com relíquias, preciosidades, peças raras ou exóticas.

O Museu do Louvre, o Britânico e os Museus do Vaticano são bons exemplos de museus enciclopédicos. Possuem inúmeras seções e um enorme acervo, amealhado ao longo de muitas décadas. Aos olhos de hoje, aproximam-se de armazéns de peças antigas reunidas em coleções, que servem para ser contempladas. Não apresentam exatamente uma narrativa do passado, mas sim seus resquícios, registrando o progresso da civilização e confirmando a tese iluminista de que o aspecto racional dos homens é o maior responsável por seu desenvolvimento.

O Museu do Louvre, o Britânico e os do Vaticano são bons exemplos de museus enciclopédicos. Não apresentam exatamente uma narrativa do passado, mas sim seus resquícios

Ao longo do século XIX, surgiram alguns museus que enalteciam a existência dos estados e seu processo de formação. Do mesmo modo que os institutos históricos, eles deveriam mostrar a existência de um passado comum, a fim de que a organização social em torno dos estados modernos pudesse se desenvolver.

À concepção de museus enciclopédicos correspondeu uma determinada historiografia. Ambas se influenciaram. Se, por um lado, os museus procuravam reunir todo o acervo disponível acerca de determinado assunto, os historicistas do século XIX, por seu lado, entendiam que se aproximariam da verdade histórica se analisassem criticamente todos os documentos existentes sobre determinada época. A ideia de evolução do tempo também esteve presente em muitos es-

critos, sobretudo a partir de Turgot e Condorcet. Nesse sentido, ressalta-se o historicismo alemão, que tem em Leopold von Ranke seu maior expoente. Para Ranke, o fato histórico deveria ser apresentado “tal como ocorreu”, sem interferências ou interpretações advindas do historiador.¹¹

Contudo, para além da História, podem-se registrar também: a perspectiva de evolução na fenomenologia de Friedrich Hegel, com a evolução dialética do espírito do mundo, por meio do Estado, que proporcionaria a realização de objetivos universais, a exemplo do direito e da lei;¹²

10 Cf. *El Museo Británico...* op. cit., p. 6.

11 HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O atual e o inatual na obra de Leopold von Ranke”, in *Revista de História*, v. 50, n. 100, 1974, 431-482; e BURKE, Peter. “Ranke, o reacionário”, in BURKE, Peter. *O Mundo como Teatro. Estudos de Antropologia Histórica*. Lisboa: Difel, 1992, sobretudo p. 233-234.

12 CHÂTELET. François. Hegel. Rio de Janeiro: Zahar, 1995; e ANDERSON, Perry. *O fim da História: De Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, especialmente p. 16.

o materialismo de Karl Marx, com a superação dos modos de produção pela luta de classes;¹³ a filosofia positivista de Augusto Comte, com a teoria dos três estágios, sendo o último o estado científico;¹⁴ e a biologia, com a evolução explicada pela teoria de Charles Darwin e Alfred Russel Wallace sobre a origem das espécies por meio da seleção natural.¹⁵

Para os intelectuais do século XIX, especialmente em suas últimas décadas, essa ideia de evolução podia também ser observada no nível das experiências. Afinal, a revolução industrial, explorando o uso das ligas de ferro e carbono e dos combustíveis fósseis, passara do ferro forjado à produção industrial dos aços e do emprego do carvão mineral como combustível ao uso do petróleo. O desenvolvimento científico, por sua vez, atingiu patamares de conhecimento acumulado que levaram à aceleração do desenvolvimento tecnológico, com o aparecimento cada vez mais frequente de novas invenções. O sistema financeiro e econômico atingiu padrões inéditos, com a propagação internacional do capitalismo britânico.¹⁶

A grande ruptura epistemológica, no que se refere especificamente à produção historiográfica, ocorreu a partir da década de 1930, na França, com a *École des*

Annales. Sem dúvida, as contribuições e advertências dos *Annales* registraram indelévels marcas nos modos de produção do conhecimento histórico.¹⁷ Graças aos *Annales*, buscou-se uma história total, em detrimento de uma história anterior, sobremaneira política ou militar, pautada em grandes personagens, gabinetes e batalhas. As fontes passaram a ser examinadas sob nova ótica, não se reduzindo a documentos oficiais. Além disso, a investigação científica deveria formular questões ao passado, precedidas por hipóteses, que inexoravelmente estavam vinculadas a problemas contemporâneos ao historiador. Não se buscava mais a verdade histórica, mas sim articular o passado ao presente. Aliás, a consciência acerca da possibilidade de o presente interferir na compreensão do passado fez com que muitos se dedicassem a analisar o que se chamou de “operação historiográfica”.¹⁸

Depois, na década de 1950, os historiadores dos *Annales*, como Fernand Braudel, Pierre Chaunu e Pierre Goubert, foram sobremaneira influenciados pela concepção de história estrutural.¹⁹ Em decorrência, eram recorrentes os estudos de história econômica, baseados nas análises de longa duração e sustentados por ampla documen-

13 HOBBSAWM, Eric. *Sobre a História*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, especialmente p. 176; GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984, principalmente, p. 163-169; WATKINS, Frederick M. *Idade da Ideologia*. Rio de Janeiro: 1966, p. 69 e segs;

14 COLLINGWOOD, op. cit., p. 145-151.

15 BITTENCOURT, Armando. “Três viajantes e a teoria da evolução”, in LANDIM, Maria Isabel & MOREIRA, Cristiano Rangel (orgs.). *Charles Darwin: Em futuro tão distante*. São Paulo, 2009, p. 39-49.

16 HOBBSAWM, Eric. *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

17 Cf. BURKE, op. cit. Conferir ainda: DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

18 A expressão, clássica, é de Michel de Certeau, em *A Escrita da História*. São Paulo: Forense Universitária, 2008. A preocupação de discutir o caráter subjetivo do conhecimento histórico também se apresenta, por exemplo, em SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. Lisboa: Estampa, 1994.

19 Alguns exemplos de suas obras: BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo, séculos XV-XVIII*. 3 Vols. Tradução de Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998; CHAUNU, Pierre. *Sevilha e a América nos Séculos XVI e XVII*. Tradução de Janine Garcia. São Paulo: Difel, 1980; e GOUBERT, Pierre. *Cent Mille Provinciaux au XVII Siècle*. Paris: Flammarion, 1968.

tação quantitativa e serial.²⁰ Nessa época, houve também uma prevalência ponderável do marxismo inglês na historiografia internacional, vinculado à *New Left Review*. As obras de Eric Hobsbawm, Perry Anderson, Christopher Hill e Edward Thompson foram produzidas nesse contexto e têm relevância historiográfica.²¹

Por outro lado, a busca de uma história total por parte dos *Annales*, bem como o materialismo, fez com que a história política e a militar fossem marginalizadas. Consideradas de pouca valia para seus críticos, eram histórias factualistas, que não relacionavam as dimensões política e militar da sociedade com seus demais aspectos. Situavam-se no nível dos eventos, da curta e não da longa duração; descreviam, ainda, grandes feitos de gabinetes e biografias de personagens consideradas importantes, sem dar conta de explicar os movimentos e as tendências da sociedade em seu conjunto.²²

Nesse contexto, os museus enciclopédicos deixaram de confirmar a evolução da

civilização. Contudo, desde os anos 1970, em razão das aproximações que a história estabeleceu, principalmente com a Teoria Social e com a Antropologia, novos objetos, métodos e abordagens temáticas têm sido aplicados à historiografia em geral, influenciando decisivamente sobre a organização e a finalidade dos museus.²³

UMA RENOVAÇÃO HISTORIOGRÁFICA

A história política, por exemplo, graças a tal aproximação, inventou novas maneiras

de compreender a relação dos indivíduos com a sociedade, alterando as possibilidades da escrita biográfica, deu novo significado à narrativa e introduziu a ideia de “cultura política”.²⁴

Já a história econômica, principalmente

após a apropriação das concepções do antropólogo Karl Polanyi, criou estreitas relações do mercado com o conjunto social, enfatizando a noção de que nem sempre um mercado obedece às leis ma-

A busca de uma história total por parte dos *Annales*, bem como o materialismo, fez com que a história política e a militar fossem marginalizadas

20 Sobre este ponto, consultar: SOBOUL. “A descrição e medida em história social”, in LABROUSSE, E. (org.). *História Social – problemas, fontes e métodos*. Lisboa: Cosmos, 1967; FRAGOSO, João. “Para que serve a história econômica?” in *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: n. 29, 2002, p 3-28; e BURKE, Peter. *A Escola dos Annales – 1929-1989. A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Unesp, 1991, p. 1-22.

21 Por exemplo: HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos. O breve século XX*. São Paulo: Cia das Letras, 1995; ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado Absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 1995; HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. Cia das Letras: São Paulo, 2001; e THOMPSON, Edward. *Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

22 BURKE. *A Escola dos Annales...* op. cit., p. 17-22.

23 BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. São Paulo: Unesp, 2002; BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000; GINZBURG, Carlo. “O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico”, in GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel: Rio de Janeiro, 1991; e LIMA, Henrique Espada. *A Micro-História Italiana: Escalas, Indícios e Singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

24 Sobre as transformações da História Política, verificar: REMOND, Rene. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

temáticas de uma determinada equação, mas, ao contrário, frequentemente é “im-perfeito”.²⁵ Noutros termos, sofre influências de grupos, refletindo, na prática, uma determinada ordem ou hierarquia social.²⁶

A história social também se transformou muito.²⁷ Antes disso, durante décadas, o conceito estrutural de *classe* fez com que os historiadores e sociólogos praticamente ignorassem os sujeitos sociais. Atualmente, conceitos-chave como *papel social*, *status*, *mobilidade*, *dinâmica e interação social*, *estratégia* e *função social* ampliaram o espectro das pesquisas, na medida em que trouxeram novas questões, novos instrumentos analíticos e novas reflexões para os historiadores a partir de outras categorias.²⁸

Nesse contexto de renovação historiográfica, percebe-se também uma discussão

Nova atenção com a História Militar ocorre internacionalmente, com menor influência de ideologias

profunda nos modos de compreensão e produção da história militar, independentemente de ideologias. Atualmente, alguns chegam ao ponto de falar de uma “Nova História Militar”.²⁹ Em suma, os historiadores que assumem este ponto de vista criticam

uma história militar considerada “tradicional”, cuja narrativa, sobremaneira memorialista, estava pautada exclusivamente na descrição densa de batalhas, sem a busca de uma problematização

analítica ou reflexão central. Criticam também o culto de grandes heróis, que eram tratados como exemplos incontestes para as gerações futuras, bem como o modo como eram entendidos e como agiam e movimentavam a realidade.³⁰ Outra crítica é a de que a historiografia militar tradicional naturalizava o comportamento humano e as instituições militares, tornando-os, em última instância,

25 POLANYI, Karl. *A Grande Transformação*. Rio de Janeiro: Campus, 1980; e GRENDI Edoardo. *Polanyi. Dall'antropologia alla microanalisi storica*. Milão: Etas Libri, 1978, p. 97-122.

26 Como um exemplo de trabalho, no Brasil, que observa as considerações de Polany para a análise econômica, consultar os trabalhos de João Fragoso: FRAGOSO, João. “Um mercado dominado por ‘bandos’: ensaio sobre a lógica econômica da nobreza da terra do Rio de Janeiro seiscentista” in FRAGOSO, João; MATTOS, Hebe e TEIXEIRA, Francisco (orgs.). *Escritos sobre História e Educação: Homenagem à Maria Yeda Linhares*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2001; e FRAGOSO, João. “O capitão João Pereira Lemos e a parda Maria Sampaio: notas sobre hierarquias rurais costumeiras no Rio de Janeiro do século XVIII” in OLIVEIRA, Mônica Ribeiro e ALMEIDA, Carla Maria Carvalho (orgs.). *Exercícios de Micro-história*. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p.157-207. Para o caso da história moderna europeia, ver LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

27 Os sociólogos Georg Simmel e Norbert Elias têm papel relevante nessa transformação. No Brasil, suas principais obras traduzidas, nessa temática, são: SIMMEL, Georg. *Questões Fundamentais da Sociologia: Individuo e Sociedade*. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006; e ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Organizado por Michael Schroter; tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. Alguns sociólogos brasileiros consideram Elias tributário de Simmel. É o caso de WAIZBORT, Leopoldo. “Elias e Simmel”, in NEIBURG, Frederico et al. *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001, p. 89-111.

28 BURKE. *História e Teoria Social...* op. cit.

29 HESPANHA, António. (Coord.). *Nova História Militar de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004. No Brasil, CASTRO, Celso, IZECKSOHN, Vitor e KRAAY, Hendrik (Org.). *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. O livro coordenado por Hespánha faz parte de uma coleção de dois volumes que foi dirigida por Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira.

30 CASTRO, op. cit., p. 23-26.

ahistóricos.³¹ Isso ocorria, segundo os críticos, porque não havia interesse em se compreender o comportamento e as instituições militares em seus contextos social, político, econômico e cultural.³²

Essa nova atenção, com menor influência de ideologias, com a História Militar ocorre internacionalmente. Deve-se notar a quantidade de obras de boa qualidade que foram publicadas nos últimos anos, inclusive no Brasil, e o interesse crescente do público no assunto, comparados com as décadas anteriores, obras escritas, em grande parte, por motivação ideológica.

Em suma, o esforço historiográfico contemporâneo procura analisar as relações dos sujeitos com organizações sociais em que se inserem e que atualizam, afastando-se de reducionismos ou de teorias totais revestidas de ideologias. Afinal, se a história é

tecida por homens, não é correto excluir da análise as orientações valorativas que permeiam uma determinada sociedade, respeitando-se as especificidades de cada tempo histórico. Não parece possível compreender as relações entre homens no tempo desvencilhando-os da dinâmica

social e cultural em que estão inseridos.³³

Para esse novo esforço historiográfico, correspondem, evidentemente, novos significados sociais para os museus, que estão passando por grandes reestruturações de suas exposições e de relacionamento com visitantes. Como exemplo, podem-se citar vários dos museus militares e marítimos europeus.

OS NOVOS MUSEUS

A partir dos anos 1970, uma vez que a historiografia cada vez mais rejeitava a perspectiva teleológica da história, buscando se afastar também dos estruturalismos, os museus passaram a desempenhar outras funções sociais. Tornaram-se um “espaço dinâmico, de informação, de lazer e de educação, que cria áreas de difusão histórico-culturais com a finalidade de despertar a consciência do público para a preservação do patrimônio artístico, cultural e histórico”.³⁴

Além disso, os novos museus apresentam imagens do passado que permitem a inserção de indivíduos nas narrativas coletivas; em outras palavras, contribuem para a construção

**Os novos museus
contribuem para a
construção de identidades
sociais e para criação de
noções de pertencimento a
grupo ou cidade**

31 Muitos antropólogos criticam os historiadores por naturalizarem determinadas facetas do comportamento humano, como se parte da motivação desse comportamento tivesse origem genética, ou pertencesse à natureza humana. Segundo o antropólogo Marshall Sahlins, da Universidade de Chicago, a origem desse entendimento está em Tucídides. Este entendeu que os seres humanos são automotivados, substituindo assim *cultura* pela noção problemática de *natureza humana*. Sua visão praticamente coloca um animal e um homem no mesmo patamar. Tucídides, de fato, ignorou a cultura: os seres humanos têm motivações naturais e, portanto, idênticas, constantes e históricas. Conferir: SAHLINS, Marshall. *História e Cultura. Apologias a Tucídides*. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

32 CASTRO, op. cit., p. 23-26.

33 BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

34 Cf. MOURA, Gláucia Soares de & DIAS, Paula Cristina da Costa Perez Tavares. “O Novo Museu Naval”, in *Revista Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, V. 6, N.11, 2010, p. 127-132, citação na p. 127.

de identidades sociais e para criação de noções de pertencimento a grupo ou cidade. Estão preocupados, em grande medida, com a coesão social e a dinamização da memória social.

O Sistema Brasileiro de Museus define museus como “casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes”.³⁵

Assim, longe de armazéns de peças antigas, os museus atualmente são um importante instrumento de educação formal e informal. Para tanto, eles precisam incluir várias histórias, compreender distintas linguagens e circular pelos diversos campos da disciplina história: história política, econômica, social, militar, história da tecnologia e da arte, por exemplo. Beneficiam-se por utilizar recursos tecnológicos de última geração, que podem recriar espaços virtualmente, bem como permitir interação entre o público e seu acervo, instigando os sentidos humanos.

A inauguração do novo circuito expositivo do Museu Naval, em setembro de 2006, no Rio de Janeiro, marcou um novo período de relacionamento com o público. A exposição de longa duração com o tema “O Poder Naval na Formação do Brasil” obedece ao princípio de promover a integração com os visitantes, tornando-se uma referência para a História Naval Brasileira. Ela mostra

**Longe de armazéns de
peças antigas, os museus
atualmente são um
importante instrumento de
educação formal e informal**

como foi importante o Poder Naval, desde o Descobrimento, para que pudesse existir o Brasil de hoje, e a necessidade de seu emprego permanente para se manter a paz da forma como ela é atualmente desejada pelos brasileiros. Conta-se, então, a história do Brasil, evidenciando-se a importância do uso do mar para a formação do País.

Essa abordagem da História Naval foi utilizada como base para os livros didáticos: *Introdução à História Marítima Brasileira*,³⁶ da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM), adotado como livro-texto para algumas das escolas de formação de pessoal pela Diretoria de

Ensino da Marinha; e *A Importância do Mar na História do Brasil*,³⁷ organizado por Armando de Senna Bittencourt, volume 13 da Coleção Explorando o Ensino – História – Ensino Fundamental e Ensino Médio, publi-

cado pelo Ministério da Educação.

O Museu Naval foi organizado conforme os novos conceitos de museus. Além da narrativa coesa proposta pela disposição de seu acervo, destaca-se a possibilidade de interação entre o museu e os visitantes, que podem, por exemplo, ver e cheirar as especiarias, experimentar o peso de uma réplica de bala de canhão do século XVII e ativar a Batalha Naval do Riachuelo, graças a uma maquete virtual que combina história e tecnologia digital.³⁸

Desde finais da década de 1990, a Marinha desenvolve projetos educacionais em

35 http://www.museus.gov.br/sbm/oqueemuseu_apresentacao.htm. Acesso em 24 de junho de 2012.

36 *Introdução à História Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2006.

37 SERAFIM, Carlos Frederico Simões, (Coordenação), BITTENCOURT, Armando de Senna (Organização). *A Importância do Mar na História do Brasil*, Brasília: Secretaria de Educação Básica do Ministério da Cultura, 2006.

38 Pode-se ter uma noção do circuito expositivo do Museu Naval em <https://www.mar.mil.br/dphdm>.

museus. O Projeto Escola, por exemplo, foi criado há mais de dez anos e tem o propósito de tornar o complexo cultural da Marinha no Rio de Janeiro disponível para as escolas públicas municipais. As turmas escolares são transportadas por ônibus da Marinha, fazem visitas guiadas e recebem lanches patrocinados pelo Departamento Cultural do Abrigo do Marinheiro. O projeto já atendeu a aproximadamente 60 mil crianças.

Após a inauguração do novo circuito expositivo do Museu Naval, foram criados quatro novos projetos educacionais: Uma Viagem pelo Mundo da História (teatro), Marinha em Origami (oficina), Uma Tarde no Museu (transporte de crianças, ampliando o Projeto Escola) e Uma Aula no Museu (aulas de História no circuito do Museu).

O Projeto Uma Viagem pelo Mundo da História é patrocinado pela Transpetro e, desde 2007, já atendeu a mais de 10 mil jovens. Consiste na apresentação de peças teatrais sobre História Naval, dois dias por semana, disponíveis por meio de agendamento prévio. Foram desenvolvidas sete peças adequadas a faixas etárias distintas. Nelas, um ou dois atores, caracterizados com trajes de época, interagem com o público, tornando o episódio histórico, que é apresentado com abundância de informações, mais atraente e divertido.

O Projeto Marinha em Origami tem como propósito entreter grupos de crianças visitantes em oficina, por meio de dobra-

dures em papel, com temas ligados ao mar, estimulando o desenvolvimento de habilidades motoras e criativas. É realizado uma vez por semana, desde 2008, e já atendeu a aproximadamente 4.500 crianças.

O Projeto uma Tarde no Museu destina-se a complementar o transporte oferecido pelo Projeto Escola, com patrocínio de ônibus pela Granado. É sabido que transporte é a principal dificuldade, em todo o mundo, para que as escolas visitem museus

e possam aproveitar seu potencial de complementação visual ao que nelas é ensinado principalmente com palavras.

Em 2010, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha elaborou um novo projeto, chamado Uma Aula no Museu. Seu propósito maior é estimular o interesse do estudante em relação ao Museu Naval, a partir de uma aula dinâmica e interativa,

em que se apresenta a História do Brasil com ênfase na importância do mar para a formação do País. A metodologia das aulas está pautada em uma narrativa tecida a partir do uso de imagens, documentos, ambientações e acervo museológico da coleção da Marinha do Brasil. Desnecessário registrar que, em uma sociedade extremamente acostumada a receber informações por imagens, como a atual, a pertinência de tais aulas se torna mais contundente.

Para as escolas e os alunos, a possibilidade de participar de uma aula dentro do Museu é dinamizar a produção e o consumo dos saberes acadêmicos, por

O Projeto Uma Aula no Museu está em perfeita consonância com a missão da Diretoria: “preservar e divulgar o patrimônio histórico e cultural da Marinha, contribuindo para a conservação de sua memória e para o desenvolvimento da consciência marítima brasileira”

meio de uma aula viva, não tradicional, pautada não em narrativas estáticas, mas sobretudo na análise iconográfica e nas diversas sensibilidades provocadas pelas formas discursivas e estéticas do Museu Naval. Em síntese, pode-se dizer que a cena semiológica é perfeita.

Por outro lado, para a Marinha, tal possibilidade é muito interessante, já que, em primeiro lugar, contribui para demonstrar como a instituição congrega uma miríade de profissionais, evidenciando-se mais especificamente os historiadores e museólogos; depois, contribui também para o refinamento das relações museu-escola e museu-sociedade, bem como para o desenvolvimento da consciência da maritimidade do Brasil, país que sempre estabeleceu estreita relação com o mar, mas que atualmente precisa enfatizar sua importância para a prosperidade dos brasileiros.

Ademais, não custa ressaltar que os estudantes, ao participarem da dinâmica proposta, tendem, mais tarde, a trazer seus familiares e amigos, expandindo-se o interesse pelo Museu Naval, o que tende a ampliar a consciência marítima no País.

O Projeto está, portanto, em perfeita consonância com a missão da Diretoria: “preservar e divulgar o patrimônio histórico e cultural da Marinha, contribuindo para a conservação de sua memória e para o desenvolvimento da consciência marítima brasileira”.

Para que fossem ampliadas as relações entre os alunos e o Museu, é oferecida uma proposta de aula exclusiva para cada escola interessada, em conformidade com suas necessidades acadêmicas. Na consecução das aulas, previamente os oficiais historiadores e museólogos do Museu Naval reúnem-se com a equipe pedagógica e de professores de história de cada uma das escolas interessadas em participar do projeto. Assim, as aulas são planejadas e ministradas de modo

personalizado, a fim de que se estabeleça uma estreita relação dialógica com os parâmetros do currículo escolar. Com isso, potencializa-se valor agregado ao processo de ensino-aprendizagem.

Após tais ajustes prévios, os alunos são recebidos no Museu Naval por dois oficiais historiadores do Museu, acompanhados de uma museóloga e de uma pedagoga, que conduzem a aula pelo circuito expositivo. Alunos, historiadores, museólogos, pedagogos e professores dispõem um espaço de interação interdisciplinar e de discussão e reflexão de diversos temas referentes à História do Brasil. Uma preocupação constante é demonstrar como os museus, atualmente, não são estoques de peças antigas, mas espaços vivos, instrumentos de educação e de participação na sociedade. O tempo estimado para tal prática é, em média, de uma hora e 30 minutos.

A proposta poderá ser encerrada nesse momento, com o retorno dos alunos a sua escola, ou estendida na parte da tarde, com visita ao Espaço Cultural da Marinha e realização do Passeio Marítimo pela Baía de Guanabara.

Assim, na parte da tarde, os alunos podem complementar seus conhecimentos. Diversos dos assuntos explorados na aula realizada no Museu poderão ser retomados, já que o Espaço Cultural da Marinha apresenta múltiplos atrativos. Há um modelo da Nau dos Descobrimentos, cuja exposição busca reconstituir o cotidiano dos navegantes nos séculos XV e XVI; o Navio-Museu *Bauru*, que participou da Segunda Guerra Mundial, e que conta com uma exposição a bordo, onde é possível interagir com acontecimentos da Segunda Guerra Mundial por meio de realidade digital; um helicóptero; um submarino; a Galeota Real de D. João VI, uma das obras de arte brasileira mais importantes do período colonial, com aproximadamente 200 anos de idade; além

de exposições de curta e média duração. O Passeio Marítimo, realizado pelo Rebocador *Laurindo Pitta*, que participou da Primeira Guerra Mundial e apresenta uma exposição a bordo sobre essa participação, permite a visualização, do mar, dos locais mais importantes referentes à fundação e ao desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro e da estruturação do sistema de defesa na Baía de Guanabara pelos portugueses, entre os séculos XVI e XVIII. O navio parte do Espaço Cultural da Marinha e se aproxima de 17 pontos interessantes em sua trajetória, todos dentro da Baía de Guanabara.

O professor, então, poderá explorar ainda os modos de transformação que historicamente o homem opera na natureza para construção do espaço geográfico. Eis um claro exemplo de como a aula realizada pela manhã, no Museu, pode se estender visualmente aos espaços do Rio de Janeiro.

As propostas de visitação podem ser flexibilizadas segundo as possibilidades de cada escola proponente. Apenas para registrar um exemplo, o Passeio Marítimo poderá ser substituído por uma visita à Ilha Fiscal, caso opte-se por discutir com mais detalhes as dificuldades experimentadas pela Monarquia brasileira a partir dos anos 1870.

Transferida para a Marinha pelo Ministério da Fazenda em 1914, a Ilha é hoje parte do complexo cultural da Marinha administrado pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação. Cenário do evento que ficou conhecido como “O Último Baile do Império”, realizado alguns

dias antes da Proclamação da República, a Ilha Fiscal continua sendo um elo entre o presente e o passado. Décadas se passaram e o palácio, que testemunhou tantos fatos históricos, é hoje uma das principais atrações turísticas do Rio de Janeiro. No conjunto arquitetônico aberto à visitação, destacam-se o Torreão e a Ala do Cerimonial. O acesso à Ilha Fiscal normalmente é feito pela Escuna *Nogueira da Gama*.

Em 2011, o Projeto Uma Aula no Museu

atendeu a aproximadamente 1.300 alunos das principais escolas do Rio de Janeiro. Neste ano, estima-se receber mais de 2 mil alunos, de cerca de 40 escolas.

Os museus não se destinam apenas a preservar ou divulgar a cultura histórica, mas também oferecem produção de conhecimento, propõem pesquisas e divulgam resultados científicos à sociedade

**NOVOS
MUSEUS E A
IMPORTÂNCIA
DA PRODUÇÃO
DE SABERES**

Grandes museus se beneficiam também com revistas periódicas especializadas, onde é registrada a produção acadêmica e científica relacionada aos temas de interesse da instituição. Assim, os museus não se destinam apenas a preservar ou divulgar a cultura histórica, mas também oferecem produção de conhecimento, propõem pesquisas e divulgam resultados científicos à sociedade.

No Brasil, o Museu Paulista conta, desde 1922, com uma publicação consagrada, intitulada *Os Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, destinada a concentrar as contribuições acadêmicas não só de historiadores, mas também de antropólogos, sociólogos, arquitetos, geógrafos, arqueólogos, museólogos etc. Analogamente, o Museu Histórico Nacional edita os

Anais do Museu Histórico Nacional desde 1940, com alguma interrupção.

A Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha publica semestralmente a revista *Navigator – subsídios para a História Marítima do Brasil*, cujo propósito é promover e incentivar o debate e a pesquisa sobre temas de história marítima no meio acadêmico. Nesse sentido, publica trabalhos inéditos e originais, voltados para temas distintos, como: a guerra naval e sua organização; colonização, defesa e invasões que dependeram do mar; viagens marítimas e seus relatos; indústria naval; navegação e cartografia náutica; personagens navais etc.

Tendo sido novamente editada desde 2005, a *Navigator*, atualmente, é um periódico especializado, reconhecido e classificado desde 2008 pelo Qualis, um instrumento de avaliação utilizado pelo Ministério da Educação para aferir a qualidade dos periódicos científicos brasileiros.

A revista, há três anos (ou seja, há seis edições), recebe um fluxo tão contínuo de trabalhos que pôde ser capaz de apresentar parcela desses trabalhos sob a forma de dossiês temáticos. Já publicou dossiês sobre o Visconde de Inhaúma; o Poder Naval no Antigo Regime; a Tomada de Caiena em 1809; o Poder Naval no Brasil Oitocentista; Iconografia e cartografia no medievo e na modernidade; e Engenharia militar, guerra e cartografia nos séculos XVI a XIX.

Cada vez mais, renomados historiadores têm escolhido a *Navigator* para dar publicidade aos resultados de suas pesquisas. Para demonstrar isso, podemos propor um quadro, apresentado ao fim deste texto, que explicita a titulação dos autores dos trabalhos publicados na revista desde 2005. Entre 2005 e julho de

2009, nove autores com titulação mínima de doutorado publicaram na *Navigator*; ou seja, há uma média de um doutor para cada edição. Nos últimos dois anos, 16 autores com titulação mínima de doutor em História (cerca de 30% é de pós-doutores) publicaram na *Navigator*, o que corresponde a uma média de quatro doutores para cada edição. Disso, pode-se inferir que houve um aumento de 400% do número de doutores publicando na revista. Houve também significativo aumento de doutorandos (quase 500%) e mestres (quase 200%).

Por isso, a *Navigator* pode ser considerada um periódico relevante para a produção de conhecimento histórico no Brasil e uma forma pela qual a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha incentiva a produção acadêmica em torno de temas referentes à história marítima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Vamos ao passado para nos reencontrarmos: trata-se de um ato de reconhecimento.”³⁹ Entre as múltiplas funções a que se destinam os museus modernos, uma delas é permitir a reflexão acerca do que se construiu no passado e do que se espera para o futuro.

Por óbvio, a conexão dessas duas dimensões temporais – passado e futuro – se estabelece pelo presente, que somente pode comportar consciência do valor da trajetória de grupos ou instituições se for perpassado por sua história. Museus, então, trazem à tona memórias e histórias. Enchem o presente de significados. Promovem reflexão e perspectivas para o futuro. E, ainda, advertem que as ações do

39 Cf. GUIMARÃES, Manoel Salgado. “Balanço das Comemorações”, in *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 4, nº 39, dezembro de 2008, p. 98, Rio de Janeiro – RJ.

presente são fundamentais para se atingir o futuro desejado. Quem compreende bem

essa dinâmica da História torna-se mais responsável por seus atos.

Titulação dos autores que publicaram na *Navigator* entre 2005 a 2011

Edição/ Titulação	Pós-doutor	Doutor	Doutorando	Mestre	Mestrando	Especialista	Graduado	Arqueólogo	Militar	Estrangeiro	Nº artigos
2005/1		2						1	3		6
2005/2		1		2			2		5	1	10
2006/1	1	1	1	1		1	1		2		8
2006/2			1	2	1		1	1	2		8
2007/1		2					1		5	1	8
2007/2		2					1		6		9
2008/1								1	6		7
2009/1							2		6		8
2009/2	2			3				1	4		10
2010/1	2	3	2					1	4		12
2010/2	2	2	1	1	1				3		10
2011/1		4	1	1	2			1	1		10
2011/2	1	2	1	1		2			2	2	9
Totais	8	19	7	11	4	3	8	6	49	4	115

 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<PODER MARÍTIMO>; Mentalidade marítima; História marítima; Museu; Historicismo; Educação no País; Recurso instrucional;